

## CRUZANDO FRONTEIRAS. FAMÍLIAS MIGRANTES NA TRÍPLICE FRONTEIRA BRASIL –VENEZUELA – GUIANA♦

### Crossing borders. Migrant families in the triple border: Brazil – Venezuela – Guyana

Francilene dos Santos Rodrigues\*  
Iana dos Santos Vasconcelos\*\*  
Carla Regina Host\*\*\*

**Palavras-chave:** Migração; Família; Gênero; Brasil; Venezuela; Guiana

#### Introdução

O fenômeno migratório é evidente ao longo de toda a história da humanidade, mas tem se acentuado com a influência da globalização, até o ponto de alterar o crescimento das populações, gerando impactos tanto no desenvolvimento como na configuração sociocultural dos países de origem e de destino. Sendo assim, o deslocamento entre fronteiras transnacionais apresenta um grande potencial para as economias nacionais, dado o enorme impacto macroeconômico de remessas financeiras e, ao mesmo tempo, implica riscos como a fuga de capital humano. Já para o

---

♦ Esse texto é resultado parcial do projeto de pesquisa *Deslocamento Populacional na tríplice fronteira Brasil-Venezuela-Guiana*, que contou com o financiamento de bolsa de Iniciação Científica no período de 2007-2008.

\*Doutora em Ciências Sociais pelo Centro de Estudos Comparados sobre a América – CEPPAC/UnB e professora da Universidade Federal de Roraima – UFFR. Coordena o projeto de pesquisa *Deslocamento Populacional na tríplice fronteira Brasil-Venezuela-Guiana* e o GEIFRON – Grupo de Pesquisa Interdisciplinar sobre Fronteiras.

\*\*Aluna de Especialização em História Regional na UFRR e membro do Grupo de Pesquisa Interdisciplinar sobre Fronteiras – GEIFRON.

\*\*\*Aluna do curso de Ciências Sociais da UFRR e de iniciação científica no projeto *Deslocamento populacional na tríplice fronteira Brasil-Venezuela-Guiana*.

transmigrante, representa, além da busca de sobrevivência econômica, a busca por um capital simbólico e/ou social diferenciado, como também riscos de desintegração familiar e uma forte desproteção relativa aos direitos sociais.

Este artigo pretende apresentar um quadro dos fluxos migratórios das mulheres que cruzam os espaços transfronteiriços dos Estados nacionais brasileiro, venezuelano e guianense, bem como o processo pelo qual reorganizam os laços familiares e os novos arranjos de símbolos e significados culturais, tanto da cultura de origem quanto da cultura receptora. O artigo está dividido em duas partes, a primeira parte faz uma breve contextualização da tríplice fronteira Brasil/ Venezuela/República Guiana, com base em aspectos históricos e geopolíticos na perspectiva de possibilitar o entendimento sobre acentuação dos fluxos migratórios diários, assim como a constituição de redes sociais através da mobilidade transfronteiriça. A segunda parte tem objetivo de situar as mulheres nesse cenário e a contribuição dessa nova realidade social nas reconfigurações de gênero, bem como, os seus reflexos na reorganização familiar.

## **Migração na tríplice fronteira**

Os deslocamentos do século passado davam-se prioritariamente do continente europeu para o americano. A conjuntura demográfica mundial de hoje indica uma tendência no sentido contrário, na qual os latino-americanos emigram para a Europa, em busca de melhores oportunidades de trabalho. No entanto, há uma tendência crescente em todo o continente que é o aumento da migração intra-regional e fronteiriça.

Nos últimos anos, essa tendência da mobilidade transfronteiriça tem se tornado mais enérgica na tríplice fronteira ao norte do Brasil (Pacaraima e Boa Vista), sul da Venezuela (Gran Sabana/Santa Elena do Uairén) e sudoeste da República da Guiana (Rupunini/Lettem). Essa tríplice fronteira é marcada pelo cotidiano dos grupos étnicos e nacionais que desenham fluxos migratórios diários e transfronteiriços, desde longos anos dando origem às redes sociais que se estendem por intermédio das relações de comércio, de trabalho, de serviços públicos, de lazer, de parentesco, de vizinhança e de religiosidade; portanto, dão forma ao trânsito na fronteira.

O deslocamento populacional nessa tríplice fronteira é mais significativo de brasileiros para Venezuela e para Guiana em decorrência

as possibilidades de atuarem nas atividades de mineração,<sup>1</sup> no comércio local e no setor de transportes, além das atividades ilegais como o tráfico de mulheres, contrabando de combustível e câmbio ilegal de moeda. Em Roraima, a imigração de estrangeiros de maior representatividade, nos 1960 a 1990, foi de guianenses, principalmente em decorrência da crise política e econômica daquele país. Entretanto, a partir de meados dos anos 1990, ocorreu uma imigração induzida de mão-de-obra qualificada para atuar nas áreas de saúde e educação, prioritariamente de cubanos, seguida de uma imigração espontânea de peruanos, colombianos e venezuelanos. Ademais desses imigrantes de mão-de-obra qualificada, identificou-se uma imigração significativa de peruanos e bolivianos atuando no mercado informal, normalmente trabalhando na comercialização de produtos artesanais, CDs e DVDs, materiais de cozinha e todos os mais diversos produtos de “quinquilharias”. Os espaços ocupados por esses imigrantes são os das feiras (do Produtor e dos Garimpeiros), das praças (das Águas e Aírton Senna), dos bares da Orla, do centro comercial e da lixeira pública da Prefeitura.

No entanto, o quadro de imigrantes ainda tende para os de origem guianense, seguidos dos cubanos, peruanos, bolivianos, colombianos e venezuelanos.<sup>2</sup> Podemos afirmar que cubanos, peruanos, bolivianos e venezuelanos, com certo poder aquisitivo, geralmente são homens e imigram com as famílias ou as constituem quase que imediatamente, como forma de regularizar sua permanência no Brasil. Os de menor poder aquisitivo (*buhoneros*) imigram, freqüentemente, sozinhos. Esses seguem uma trajetória migratória que percorre vários países ao longo dos anos. Essa trajetória dá-se a partir de seus países para os países vizinhos. Alguns vêm para o Brasil, entrando pelo estado do Amazonas e, depois, seguem para o estado de Roraima e, posteriormente, para a Venezuela. Já os guianenses imigram, predominantemente, com suas famílias, principalmente por já terem uma rede de parentesco mais antiga (desde os anos 1960), bem como pelos processos históricos e socioculturais que se desenvolvem entre os povos indígenas Makuxi e Wapichana que habitam a fronteira internacional entre a Guiana e o Brasil. Segundo Baines,<sup>3</sup> nessa fronteira, essas etnias se configuram num processo transnacional, em que nacionalidades distintas e etnias diversas se sobrepõem em complexas manifestações de identidade.

<sup>1</sup> O Sindicato dos Garimpeiros do Estado de Roraima estimava, em 2005, a existência de dois mil garimpeiros que transitavam entre os garimpos dos estados de Roraima, Bolívar e a região do Rupunini.

<sup>2</sup> Esses dados foram extraídos a partir das informações das Secretarias dos governos estadual, municipal e da pesquisa de campo, realizada em janeiro de 2008.

<sup>3</sup> BAINES, Stephen G. “A fronteira Brasil-Guiana e os povos indígenas”, 2004.

Outro aspecto da imigração guianense é a tendência ao crescimento de mulheres que imigram sozinhas. Essa tendência se verifica na fronteira do Brasil com a Venezuela. Está ocorrendo um aumento considerado da emigração de brasileiras para a Venezuela para trabalharem por temporada, ou que trabalham em Santa Elena do Uairén e vivem em Pacaraima ou Boa Vista.

### **Feminização e redes sociais**

A chamada feminização das migrações internacionais é uma tendência mundial apontada por muitos estudiosos. Podemos afirmar, que nesta tríplice fronteira ocorre um processo que ainda não pode ser denominado de feminização; porém, vem ocorrendo um crescimento do número de mulheres que migram não apenas para acompanhar ou juntar-se ao cônjuge e, assim reorganizar a chamada família conjugal moderna,<sup>4</sup> mas, também, para fugir de relações violentas ou de estruturas familiares patriarcais, buscando uma emancipação que não é apenas econômica.

Este processo é melhor visibilizado pelo crescente número de brasileiras que emigram para a Venezuela, para trabalharem como cozinheiras nos restaurantes; no comércio como vendedoras, empregadas ou autônomas; no ramo do embelezamento como cabeleireiras; e, recentemente, nos serviços de transporte, em particular nos táxi lotação que fazem o trajeto tanto entre Santa Elena do Uairén e Pacaraima, como entre Santa Elena do Uairén e Boa Vista. A imigração de mulheres guianenses, como dito anteriormente, também vem aumentando. Elas atuam, principalmente, no serviço doméstico, no comércio ambulante auxiliando os companheiros e parentes, ou mesmo comercializando produtos alimentícios e na coleta de papel.

O uso social das redes sociais de parentesco e amizade são estratégias migratórias utilizadas diferentemente por homens e mulheres refletindo também os impactos nas estruturas familiares desses migrantes. Em face disso, é possível identificar aspectos importantes que revelam a

---

<sup>4</sup> Compartilho com Jeni Vaitsman a idéia de que o padrão de família, freqüentemente chamado de “família nuclear”, perde em historicidade, uma vez que as famílias nucleares não são necessariamente modernas. A autora define família conjugal moderna como sendo a família hierárquica que se desenvolveu juntamente com os processos de modernização e industrialização, cujo grupo de parentesco é formado a partir da união fundada na livre escolha e no amor constituído geralmente pelo núcleo do casal, mas podendo incorporar outros agregados e caracterizado pela divisão sexual do trabalho nas esferas pública ou privada atribuída segundo o gênero. VAITSZMAN, Jeni. *Flexíveis e Plurais*. Identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas, p. 16.

influência nos papéis de gênero e suas novas configurações nesse cenário.<sup>5</sup> Com relação a isso, observamos nos discursos das migrantes, que o processo migratório é apoiado pela cooperação de membros da família, o que se deve à formação familiar constituída por uma extensa rede de parentela. Esse apoio vai desde a aquisição da passagem rodoviária, moradia e alimentação que perdura até o estabelecimento na sociedade de destino.

De Teresina, eu vim para Boa Vista. Eu vim com uma família, com uma senhora para ajudar ela na casa dela. Aí eu trabalhava e estudava a noite. Me lembro que parte desse dinheiro mandava para o meu pai e ficava com um pouco pra mim. Com dois anos que estava em Boa Vista mandei buscar o meu pai. Aí veio meu pai, minha madrasta e os meus dois irmãos e outro filho da minha madrasta que meu pai criou, veio à família inteira. Na verdade, não foi só eu que mandei buscar. Tava um outro irmão meu em Boa Vista que tinha vindo com outra família. (...) Em 1990 fiquei desempregada e aí 1991 eu vim pra cá (Santa Elena do Uairén). Eu tinha uma amiga que morava no BV8 (Pacaraima). Aí ela perguntou o que estava fazendo e eu disse que nada, mas que estava precisando trabalhar. Realmente estava precisando trabalhar, procurava e não encontrava. Nessa época não estava, mas na casa dessa senhora. Ela tinha me alugado uma casa de madeira bem do lado dela onde eu morava com meu irmão e o meu pai estava com a outra família dele, mas a gente sempre ajudava. Aí eu resolvi vim para o BV8 porque me disseram que era bom pra conseguir trabalho. Pura ilusão! Aqui (Santa Elena) que a gente conseguia trabalho. Ficava na casa da minha amiga no BV8 e vinha todo dia trabalhar. Comecei a trabalhar aqui, nessa rua lá em cima, se chamava Ponto Venezuelano, naquela época era um comércio mais grande que tinha por aqui. Eu vinha e voltava todos os dias. Passei uma semana assim, só que o dinheiro só dava para as passagens e a comida. Ai uma senhora me chamou para trabalhar num restaurante (na Venezuela), para trabalhar e morar com ela, uma colombiana. Eu conhecia uma brasileira, uma amiga minha que já trabalhava no salão, eu já vim indicada pra trabalhar no salão, só que quando eu cheguei já estava ocupado, aí eu fui trabalhar com uma venezuelana, morei na casa dela, só sai quando arrumei um lugar.<sup>6</sup>

Observa-se que a decisão pela busca de novas alternativas de sobrevivência em um lugar desconhecido, bem como o processo de transição entre o país de origem e o estabelecimento no país de acolhimento, se distingue de acordo com o modelo familiar. Na família conjugal moderna e organizada sob uma base hierárquica e patriarcal, os homens são os responsáveis pela iniciativa de migrar. Neste caso, as mulheres permanecem no lugar de origem e arcam com a diversidade

<sup>5</sup> SIMONIAM, Ligia T. L. *Reflexiones sobre la familia en la frontera amazónica: idealizaciones, contradicciones y tendencias actuales*.

<sup>6</sup> Raquel. Brasileira, casada, dois filhos, comerciante. Os nomes das pessoas entrevistadas citadas neste paper são fictícios.

de tarefas e com a responsabilidade do sustento da família até que o companheiro encontre um emprego e organize uma estrutura mínima para o seu acolhimento. Já nas famílias em que a distinção dos papéis entre o público e o privado, atribuída segundo o gênero,<sup>7</sup> foi resignificada e as mulheres redefiniram sua posição na sociedade, as mesmas decidem a estratégia migratória e tomam a iniciativa de irem em busca de trabalho e de acomodação para a família. Em um primeiro momento deixam os filhos e retornam em feriados ou a cada dois meses para revê-los. Os vínculos dessas mulheres com os filhos, de certa forma, mantêm-se, mas outros membros da família, geralmente as avós ou tias, assumem uma educação compartilhada e muitas vezes conflitiva. Isso tem um impacto na configuração social familiar e na articulação dos inúmeros papéis e identidades que essas mulheres reconstróem no processo da migração. Os depoimentos abaixo demonstram esse processo de redefinição dos papéis de mulher e mãe por parte dessas mulheres que emigram deixando seus filhos:

Vim pra cá (Santa Elena) para conhecer e acabei ficando. Eu vim trabalhar, logo que eu me saparei, quando fez dois anos que o meu ex-marido sumiu e não deu mais notícias, nem mandou dinheiro, nada. Lá (Manaus) eu sempre trabalhei como cabeleireira, que dizer, depois que eu casei, porque antes eu trabalhava em fábrica. Meu marido não apareceu. O meu filho mais velho tem 12 anos, o do meio tem 08 anos e a pequeninha tem 06 anos. Estão com minha avó. Já trouxe a mais velha, ela passou as férias aqui comigo. Agora não tem como eles ficarem aqui comigo, eu tô trabalhando, moro com a minha sogra, então ainda não dá. Vou de três em três meses, passo um mês ou duas semanas, eu vim de lá agora! Tô trabalhando com roupa, vendo e espero um mês que me paguem para voltar. Compro aqui e revendo lá. Mas, é só eu me estabilizar direito e resolver umas coisinhas que vou trazer eles.<sup>8</sup> Tenho seis filhos, cada filho meu é de um pai diferente. Só as duas meninas que são do mesmo pai. Eu só fiquei casada com pai do Kaluan. Procurei ser uma mãe pelo menos até o ponto que cresça para cuidar de si. Agora quando eu digo que os meus filhos tão pra lá (no Brasil), que eles não tão por aqui, é porque eu tô achando que o bom pra eles, nesse momento, pra estudar, teria que ser lá. Depois eles vêm e não querem mais ir pra lá (Brasil). Como esse aqui que o pai dele não tratava ele bem, molestava, não dava atenção nem nada. Aqui eu não “ralo muita bola” pra ele não! Porque ele é um pouquinho mal criado, se ele tá pensando que vai me molestar eu vou pegar ele de correia e bater nele e fazer o que pai dele fazia... eu deixo ele numa boa.<sup>9</sup>

<sup>7</sup> Os papéis atribuídos a homens e mulheres não obedecem mais ao padrão tradicional, hierárquico, do homem provedor e associado ao espaço público e as mulheres à satisfação das necessidades afetivas da família e associada ao espaço privado.

<sup>8</sup> Ângela. Brasileira, amazonense e que vive em Santa Elena do Uairen. Entrevista concedida em 29/05/08.

<sup>9</sup> Rosa. Brasileira, casada com venezuelano, morando em Santa Elena, cabeleireira e seis filhos.

As mulheres emigram por várias razões. Para algumas mulheres, sair do seu país de origem em busca de espaço no mercado de trabalho possibilita não apenas a emancipação econômica, mas também o acesso a uma qualidade de vida e mudança na relação de opressão e discriminação que limitam a sua liberdade e as suas potencialidades. A migração é uma forma de obter liberdade de circulação e autonomia das repressões e amarras comunitárias e familiares. As mulheres, quando obtêm sucesso nos seus projetos migratórios, refazem seu papel no seio da família, na comunidade e no ambiente de trabalho. Tomam o controle de seus próprios assuntos, de sua própria vida, de seu destino, adquirem consciência da sua habilidade e competência para produzir, criar e gerir, enfim, para empoderar-se.<sup>10</sup> As narrativas abaixo demonstram alguns desses aspectos do empoderamento:

Depois que mantive um relacionamento com venezuelano, mudei! Agora eu não sou mais besta como era antes com meu marido. Agora eu trato mais mal, agora eu piso. Tem que ser do meu jeito, se não vai embora. Mudei muito, chorava por homem, hoje eles que choram por mim. Ia atrás de homens, agora eles que vêm atrás de mim; tinha ciúmes, agora não tenho mais, eles que têm. Amar... agora acabou isso pra mim; eu agora gosto, curto a vida. A Venezuela pra mim foi um amadurecimento de vida. Aprendi a me amar mais.<sup>11</sup>

Não é que penso em não voltar para o Brasil. Bom, não vou dizer não, eu tenho vontade, mas pra começar do zero de novo? Pra começar do zero não, aqui eu já tenho a minha vida feita, já tenho meu mundo construído. Ir pra lá é como se eu fosse começar do zero... só no caso se eu for terminar meus estudos e fazer uma universidade lá ou de repente passar num desses concursos bons, que tenha um bom salário.<sup>12</sup>

Quando as oportunidades sociais econômicas apresentam-se particularmente favoráveis, com possibilidades de ascensão social no país de acolhimento, “a precariedade da família de origem” – econômica, social e cultural – é substituída por outra imagem no processo de individuação. A construção da identidade de muitas dessas migrantes passa pela recusa àquilo que a família significava econômica e culturalmente.

A minha família não sou muito apegada mesmo, sempre vivi sozinha desde os meus quinze anos (...). Minha mãe já morava aqui (Santa Elena). Mas eu já conhecia aqui. Vim uma vez quando tinha 14 anos. A minha mãe me internou num colégio interno da igreja Adventista. Eles só me agüentaram um ano (...).

<sup>10</sup> COSTA, Ana Alice. *As donas no poder*. Mulher e política na Bahia.

<sup>11</sup> Renata. Brasileira, cearense, há cinco anos em Santa Elena do Uairén, dois filhos. Entrevista concedida em 29/05/08.

<sup>12</sup> Roberta. Brasileira, boavistense, 24 anos e um filho. Entrevista concedida em 29/05/08.

Não gosto de lembrar e falar sobre esse tempo (infância).<sup>13</sup>

Eu penso em trabalhar por conta própria, queria muito terminar meus estudos, embora eu saiba que seja muito difícil trabalhando o dia todo. Terminei o ensino médio e gostaria de encarar o vestibular para cursar uma universidade pra conseguir coisas melhores, muito por conta dos meus filhos que estão crescendo e eu vou precisar dar um bom ensinamento para eles e educação melhor. Dificuldade eu não passo, dificuldade eu passava no Brasil. Posso dizer que até fome eu passei com meus filhos.<sup>14</sup>

A individuação, neste sentido, se faz a partir da incorporação de vários sentidos: não apenas a separação física da família, mas também o afastamento de seu universo cultural, vivenciado como atrasado, tradicional, preconceituoso, oposto à diversidade cultural e aos estilos de vida desenvolvidos na transfronteira.<sup>15</sup> Nesse processo de cruzar fronteiras e transitar entre culturas distintas, as mulheres são forçadas a manejar e negociar situações de forma criativa e melhorar seus *status* no interior das relações familiares, ao mesmo tempo em que surge a oportunidade para repensar a própria identidade. O deslocamento entre um país e outro representa uma possibilidade de sobrevivência, mas também uma escolha ou um projeto individual, tanto social como identitário. Neste sentido, a identidade é uma opção, uma construção do próprio sujeito em função de suas trajetórias e das escolhas que o meio social lhe oferece, ou melhor, as escolhas individuais ocorrem dentro de um “campo de possibilidade” dado.<sup>16</sup>

## Conclusões

As migrantes configuram-se muito mais como exiladas do que como fugitivas do desemprego ou da pobreza. A busca de oportunidades no exterior exprime também o desejo de desvencilhar-se de uma cultura discriminatória, sexista e opressiva. A mobilidade é parte da cultura. A migrante derruba fronteiras, transita entre mundos. A imigração abre a oportunidade para repensar a própria identidade, a manejar situações entre poderes assimétricos, racismo e discriminações, refazer sua auto-imagem. Ser estrangeira implica a manutenção de uma identidade em aberto, sem fixidez, sempre prestes a ser negociada. Vive-se no limite!

---

<sup>13</sup> *Ibidem.*

<sup>14</sup> *Ibidem.*

<sup>15</sup> VAITSMAN, Jeni. *Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas*, p. 104.

<sup>16</sup> VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose*. Antropologia das sociedades complexas.

No trânsito entre fronteiras as pessoas se deslocam, levam consigo universos simbólicos, estabelecem pontes entre as sociedades de origem e destino, ao mesmo tempo em que constroem novos espaços além das fronteiras geográficas, desconstruem a identidade original e a reconstruem em outras bases. Ser migrante possibilita ao sujeito circular entre as várias identidades e implica a manutenção de uma identidade em trânsito, em aberto, inconstante. Esse trânsito é resultado de complexos processos de negociação da realidade com outros sujeitos e indivíduos coletivos. Em decorrência desta complexidade, o intercâmbio material e simbólico entre sujeitos sociais de culturas diferentes surgem vários aspectos no processo de construção de identidades possibilitando também a redefinição de papéis sociais de homens e mulheres e a própria relação de gênero.

Ao buscarem a sobrevivência em outro país, as mulheres se deparam com o surgimento de conflitos familiares em face da disputa permanente de prioridades entre o projeto de vida e os modelos/valores tradicionais, que enquadram a mulher em posição subalterna dentro da família e outros projetos e valores que identificam inúmeros “campos de possibilidades” em que se possa desenhar uma trajetória individual e singular. Neste sentido, torna-se fundamental dar visibilidade a essas mulheres no debate sobre as migrações internacionais, bem como avaliar o impacto econômico, social e cultural nas sociedades de origem e de acolhimento, levando em consideração inclusive o fato de elas serem agentes transmissoras da cultura, o que, por sua vez, reflete na constituição de novas formas de organização social da família, em base a novos arranjos simbólicos e significados culturais, tanto da cultura de origem quanto da cultura receptora.

Portanto, analisar a condição da mulher nas migrações passa pela necessidade de compreender o papel desempenhado em tal processo e os seus reflexos sobre a família, fruto das novas reconfigurações dos papéis sociais de homens e mulheres, os quais repercutem de modo especial sobre a mulher (mãe, esposa, trabalhadora, dona de casa).

### **Bibliografia essencial**

- BAINES, Stephen G.A. “Fronteira Brasil-Guiana e os povos indígenas”. *Revista de Estudos e Pesquisa*. FUNAI, Brasília, v. 1, n. 1, 2004, p. 65-98.
- COSTA, Ana Alice. *As donas no poder*. Mulher e política na Bahia. Salvador: NEIM/Ufba/Assembléia Legislativa da Bahia. Coleção Bahianas, v. 2, 1998.
- SIMONIAN, Ligia T. L. *Reflexiones sobre la familia en la frontera amazónica*:

idealizaciones, contradicciones y tendencias actuales. Bogotá: Instituto Colombiano de Antropología e História – Icanh, 2003.

VAITSMAN, Jeni. *Flexíveis e Plurais: identidades, casamento e família em circunstâncias pós-moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose*. Antropologia das Sociedades Complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

WOODWARD, Kathryn. “Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual”, in SILVA, Tomaz Tadeu (org). *Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.